

## Conexões transdisciplinares

# *O corpo face às novas formas de reprodução*

Simone Perelson\*

## **RESUMO**

Propomos aqui uma abordagem das novas tecnologias reprodutivas privilegiando o fato destas viabilizarem a exposição e a disponibilização de embriões e gametas humanos no laboratório, fora do corpo. Oporemos a técnica da clonagem e a do congelamento dos embriões excedentes de modo a demonstrar que, enquanto a primeira técnica está referida ao mito do duplo e a um ideal de pureza, os embriões congelados remetem à idéia de resto.

**Palavras-chave:** corpo, clonagem, novas tecnologias de reprodução

## **ABSTRACT**

*We propose here a viewpoint of the reproduction new technologies focusing the fact that they make possible the exposition and use of human embryos in the laboratories, out of the body. We will compare the cloning technique and the freezing of exceeded embryos technique in a way to show that while the first one refers to the myth of the double and to an ideal of purity, the second refers to the idea of the rest.*

**Keywords:** *body, cloning, reproduction new technologies*

## **RESUMEN**

*Proponemos aquí una abordaje de las nuevas tecnologías reproductivas privilegiando el facto de que tornan posibles la exposición y uso de embriones humanos en el laboratorio, fuera del cuerpo. Oporemos la técnica de clonaje y la del congelamiento de los embriones excedentes de forma a mostrar que enquanto la primera técnica se refiere al mito del duplo y a un ideal de pureza, los embriones congelados remeten à la idea de resto.*

**Palabras clave:** *cuerpo, clonaje, nuevas tecnologías reproductivas*

### **Introdução: um pequeno histórico**

Num fórum organizado pelo jornal *Le monde*, no ano de 2000, a psicanalista Monette Vacquin observou que menos de vinte anos separam o nascimento de Louise Brown na Inglaterra, primeira criança da história da humanidade concebida fora do corpo, das perspectivas anunciadas de clonagem humana. Entre os vários “acontecimentos espantosos” que se sucederam durante este período e para os quais, como afirma a psicanalista, “nos falta tragicamente compreensão de conjunto” (VACQUIN, 2001, p. 54), destacamos abaixo aqueles que dizem respeito mais diretamente ao tema deste artigo.

Em 1978, nasce, na Inglaterra, o primeiro bebê de proveta. Três anos depois começam os primeiros trabalhos sobre o congelamento de embriões.

Em 1984, nasce, na Austrália, a primeira criança na história humana tendo sido um embrião congelado. Em 1985, também na Austrália, nascem os primeiros gêmeos originados da mesma concepção mas nascidos com dezesseis meses de intervalo.

Em 1987, nos EUA, uma sociedade chamada *Fertility and Genetics Research Incorporated* se especializa na comercialização de embriões humanos. Seu sucesso é imediato e suas ações são cotadas na Bolsa.

No mesmo ano, na França, uma mulher é inseminada com o esperma de seu marido morto, e uma outra, na África do Sul, com o material genético de sua filha e de seu genro. Ela será então a primeira «avó de aluguel», ao mesmo tempo avó e mãe dos trigêmeos que colocará no mundo, crianças que serão, ao mesmo tempo, filhos e irmãos de sua mãe, como Antígona, filha de Édipo, era também a sua irmã (*Ibid*, p.57). Como observa Monette

Vacquin, “o acontecimento dá o que pensar: se quis tratar o material genético humano como se ele fosse anônimo e intercambiável, isento de investimento psíquico. E eis que a fantasmática evacuada retorna sob a forma do mestre fantasma! A presença edipiana...” (*Ibid*, p.58).

Em 1989, tem-se o domínio da maturação de ovócitos de fetos não viáveis, permitindo teoricamente a crianças não nascidas terem filhos.

Em 1993, médicos da Virgínia fazem o primeiro anúncio de clonagem humana, por cisão embrionária. Como lembra a psicanalista, “a clonagem é também a realização do fantasma edipiano: o pai e o filho são gêmeos, o pai e o filho se confundem” (*Ibid*, p.60).

Em fevereiro de 2004, foi anunciado que pesquisadores da Coreia do Sul e dos Estados Unidos teriam clonado um embrião humano e extraído dele as tão procuradas células-mãe embrionárias. Com este passo, a clonagem para fins terapêuticos deixa de ser apenas uma teoria para se transformar em realidade e a viabilidade da clonagem reprodutiva mostra-se assustadoramente próxima de nós.

Como sublinha a psicanalista, o congelamento de embriões e a clonagem humana colocam em cena a realização do fantasma edipiano. “O que dizer de tudo isso?, pergunta Monette Vacquin, Derivas? A palavra não é suficientemente forte. Temos antes o sentimento de assistir a um delírio. À presença, no seio da ciência mais sofisticada, do inconsciente mais arcaico” (*Ibid*, p.57).

Mas para compreender a dimensão deste sentimento devemos lembrar que a lei de Édipo, isto é, aquela que funda e ao mesmo tempo opõe-se ao seu fantasma, mais do que a interdição do incesto, representa o princípio diferenciador. De fato, para além das fantasias incestuosas, as

novas tecnologias reprodutivas embaralham as referências fundamentais do homem que são a distinção entre o animado e o inanimado, a vida e a morte, o humano e a coisa.

### **O corpo fora do corpo: quem é o mostro?**

Uma das formas que se tem encontrado para definir aquilo que de inédito trazem as novas tecnologias reprodutivas é a separação entre sexo e reprodução. Alguns autores, entretanto, contradizem este ineditismo afirmando que esta separação já vem sendo há muito operada por uma série de evoluções sociais e médicas que libertaram o sexo dos imperativos da reprodução. Outros vêm afirmar, por sua vez, que há uma inversão fundamental, quando, a partir dos anos 80, a tecnologia reprodutiva conduz de uma reivindicação ao sexo sem reprodução a uma outra, contrária, a saber a da reprodução sem sexo.

Para além desta discussão, há um segundo aspecto das novas tecnologias reprodutivas que pode também definir o seu ineditismo, e cuja importância não tem sido, a nosso ver, suficientemente destacada. Trata-se, como afirma Marilena Corrêa, da exposição e disponibilização de embriões e gametas humanos no laboratório, fora do corpo. De material restrito originalmente à individualidade do corpo, passa a circular no laboratório, a poder ser congelado e manipulado por outros indivíduos – biólogos, técnicos, médicos -, adquirindo, assim, autonomia (CORRÊA, 2001, p.206). Como afirma Monette Vacquin, nenhuma geração antes da nossa teve o poder de congelar a sua descendência, de estocá-la, de modificar seus caracteres”(*op. cit.*, p. 56).

Da autonomia reivindicada pelas mulheres nos anos 60 passamos à autonomia do material reprodutivo e de

seus resultados. Da reivindicação à autonomia do sujeito (feminino) com relação aos imperativos biológicos do seu corpo, passamos à autonomia dos elementos biológicos e de seus resultados (embriões) com relação aos imperativos desejantes do sujeito. Ao invés do sujeito, é o objeto que parece aqui ganhar autonomia e quiçá, tal como o monstro de Frankenstein, vida. Como observa Ieda Tucherman, no artigo *A construção dos monstros e as raças fabulosas*, as tecnologias de manipulação genética nos levam a colocar as seguintes questões: “até que ponto e qual é o limite onde podemos levar os artifícios e as intervenções sem prejudicar a imagem ‘natural’? O que é humanoíde? Que corpo podemos ter hoje que ainda seja reconhecível como humano?” (1999, p.149). Enfim, “até que grau de deformação (ou estranheza) permanecemos humanos?” (*idem*).

Mas as novas tecnologias reprodutivas nos permitem também dar uma nova dimensão à definição oferecida por Tucherman do *monstro*. Como ela afirma, “o monstro excede a representação: ele mostra um transbordamento de ser, oferece ao olhar mais do que já foi visto” (*Ibid*, p.151). Não seria este material restrito originalmente à individualidade do corpo e exposto atualmente nos laboratórios – e, sobretudo, o embrião congelado – a realização do monstro do qual nos fala a autora?

### **Frosty ou Frankenstein?**

Como indicam vários psicanalistas, a exposição e disponibilização de embriões e gametas humanos no laboratório relaciona-se a alguns dos fantasmas fundamentais do homem.

Na parte de sua tese dedicada à literatura psicanalítica (*Op. cit.*, p. 180-81), Corrêa refere-se à inquietude relatada

por Piera Aulagnier em relação a casos como os de “inseminação de uma neta com o esperma congelado de seu avô, uma mãe que empresta seu útero à filha e ao esperma de seu genro, a inseminação de uma mulher pelo esperma de seu marido morto depois de um certo tempo” (*Ibid*, p.180). É a possibilidade de “confronto com a realização de fantasias que fazem parte de nossas representações pulsionais mais arcaicas, mais universais, mais recalcadas, que inquieta a psicanalista” (*Idem*). A essa preocupação associa-se a de Monette Vacquin, que afirma que “com as novas tecnologias médicas de reprodução artificial, da mesma forma como ocorreria no prolongamento artificial da vida, estar-se-ia realizando o sonho do homem ‘de se constituir fora desses dois limites que são a sexualidade e a morte’” (*Ibid*, p.180). A técnica do congelamento permitiria, por sua vez, a realização do fantasma de suspensão da vida, o que nos levaria a viver hoje, segundo a psicanalista, num mundo de “cadáveres quentes e embriões congelados”.

Sublinhar o aspecto fantasmático das novas formas de reprodução implica em ir ao encontro do avesso do processo de autonomização do sujeito. Em sua vertente simbólica, ou ainda numa linha de continuidade com as transformações sociais desencadeadas nos anos 60, aquilo a que nos conduz este processo é, como mostra Michel Tort, a colocação em causa da diferença dos sexos e das gerações própria à ordem simbólica, fazendo emergir novos arranjos familiares até então mantidos no campo do recalcamento. Como afirma o psicanalista, grande parte da fascinação e da indignação provocada pelas novas práticas médicas no campo da reprodução decorre da

supressão do recalçamento que representa o exercício das novas formas de parentesco e da ruptura com a ‘sacralização cristã do casal monogâmico’ (TORT, 2001, p.54). Enfim, o que as novas formas de reprodução colocariam em cena seria a vitória do princípio do prazer pela suspensão do recalque.

Entretanto, este processo coloca em cena, como vimos, a realização de fantasmas fundamentais do homem. E abordar este aspecto fantasmático implica em abordá-lo em sua dimensão real, posto que, como afirma Lacan, é o fantasma que dá o único acesso possível ao real. Como definem Laplanche e Pontalis no *Vocabulário da psicanálise*, os fantasmas fundamentais são cenários imaginários que “agenciam elementos de uma lenda em torno do nosso nascimento, da vida sexual dos nossos pais, e também do modo segundo o qual nos advêm a sexualidade, a diferença dos sexos, e os temores que lhe são ligados” (LAPLANCHE, PONTALIS apud KAUFMANN, 1998, p.172). Por outro lado, segundo a fórmula de Lacan, o fantasma é o que coloca o sujeito em relação com o objeto causa de seu desejo, que nada mais é senão o seu resto, resíduo do gozo. Assim, se a realização dos fantasmas implica, como nos mostra Michel Tort, a vitória do princípio do prazer pela suspensão do recalque, ela implica também no encontro com o objeto, resto deste processo, resíduo do gozo, avesso do princípio do prazer.

Talvez sejam a clonagem, por um lado, e os embriões congelados, por outro, que melhor nos permitam abordar estes dois aspectos das novas tecnologias reprodutivas. Embora não falem vozes denunciando o risco da clonagem e descrevendo o clone como o

grande fantasma assustador deste processo, embora a clonagem seja excomungada como exemplo supremo da deformação humana e científica, o clone é apenas o resultado extremo de uma démarche previsível da racionalidade científica. O clone é, de fato, a expressão da busca da harmonia, da beleza, da imortalidade, da perfeição, da absoluta identidade. Realizando o mito do duplo, o clone conforma-se (imaginariamente, é lógico) ao ideal, ele está referido ao ideal. Além disso, a clonagem, ao viabilizar a passagem da reprodução fora do sexo para a reprodução assexuada, realiza, ainda (também imaginariamente, é sempre bom lembrar), o ideal de autonomia. Aqui não se depende mais do sexo, e nem tampouco do material reprodutivo alheio; não se está mais submetido às agruras do acaso e, com isso, tampouco da diferença. Seguindo esta lógica, podemos afirmar que é o ideal de pureza que se busca com a clonagem: como dizem alguns, a clonagem seria a realização da “paternidade sem resto”.

Mas aquilo que surge como o resto ou transbordamento assustador deste processo, aquilo que nos remete para o verdadeiro encontro indesejável, com algo que não apenas não se encaixa nesta lógica ou racionalidade científica, como também nos coloca face à ausência de representação simbólica, aquilo que escapa à nossa razão, são os embriões congelados, também chamados de embriões excedentes, algo entre a coisa e o humano, ou ainda algo que é ao mesmo tempo os dois, nos referindo à categoria de humanóide, de uma coisa assustadoramente humana ou de um humano assustadoramente coisificado. Se o clone encontra-se no espaço da purificação, os embriões excedentes vão

apontar os limites desta purificação presentificando-se como sobra, resto, lixo. Os embriões excedentes são literalmente ‘aquilo com o que não se sabe o que fazer’.

Os embriões excedentes são um resultado da hiperestimulação da ovulação, processo necessário às várias técnicas reprodutivas, e da fecundação destes óvulos ocasionando uma produção excessiva de embriões que não serão utilizados e que não se pode (segundo as leis vigentes em alguns países) e/ou não se deseja destruir (para eventualmente utilizá-los no futuro). A médica Marilena Corrêa descreve nos termos abaixo como se passa, paradoxalmente, de uma condição inicial de falta de embriões (desejados) a uma outra de excesso (indesejado) destes:

Em função daquela primeira etapa do ciclo FIV – a hiperestimulação hormonal da mulher, são produzidos muito mais óvulos e, em conseqüência, muito mais embriões do que se admite que uma mulher poderia suportar em uma gravidez. Não sendo tecnicamente possível congelar óvulos de modo a garantir a preservação de sua integridade no descongelamento, os óvulos excedentes devem ser fecundados, para que possam ser guardados sob a forma de embriões congelados. Estes embriões ficaram conhecidos como *embriões excedentes* ou *embriões supranumerários*. (*Op. Cit.*, p.78)

Estes embriões congelados serão, por sua vez, utilizados em uma nova tentativa de fecundação pelo mesmo casal ou pela mesma pessoa “abandonados”. Neste caso, poderão servir à pesquisa, ser “doados” a outras pessoas ou outros casais que desejem ter

filhos ou ser destruídos. Vejamos em que termos a psicanalista Geneviève Delaisi descreve a história dos “embriões abandonados”:

A história da fabricação dos embriões abandonados é a seguinte: um casal quer desesperadamente um filho, e se lança em um programa FIV; ora, posto que a técnica é ainda amplamente experimental, a ovulação da mulher é muito ‘estimulada’ (como se diz...), até produzir às vezes vinte ou trinta ovócitos. Uma dúzia dentre eles são eventualmente fecundados; depois, reimplanta-se a cada tentativa, dois ou três embriões. Às vezes funciona, mas o casal não está necessariamente pronto para recomeçar após um primeiro nascimento (as mulheres tem freqüentemente trinta e cinco/quarenta anos); e sobretudo esses casais não sabem o que fazer, o que pensar, nem o que decidir a propósito dos embriões congelados que sobraram.

Não há com efeito representação antropológica, representação simbólica para esses ‘embriões supranumerários congelados’: os pais não sabem aliás que gênero lhes dar; eles dizem freqüentemente ‘isso’ para designá-los. (DELAISI,1994, p.72)

É assim que os embriões excedentes – alguém meio coisa ou algo meio homem, na suspensão entre a vida e a morte, entre a humanização e a destruição - surgem como sobras, como resto inassimilável do processo reprodutivo ou ainda como restos humanos do processo técnico-científico. Mas como também observa Corrêa, “de indesejado efeito colateral da FIV<sup>1</sup>, os embriões

excedentes passam a ser extremamente desejáveis, uma vez que, além de congelados para uso posterior dos próprios depositários, podem ser doados a pessoas inférteis ou utilizados em pesquisas” (*Op.cit.*,p.78). Pelo fato de até hoje dificilmente se admitir a criação de embriões humanos com finalidade de pesquisa, estes embriões excessivos acabam por tornar-se material mais do que precioso para pesquisadores e, sobretudo, para os laboratórios de pesquisa. Transformados seja em resto seja em objeto de grande valor, estes embriões colocam necessariamente os sujeitos que têm com eles alguma forma de relação – de produção, de propriedade ou de afeto (que termos podemos aqui utilizar?) – face ao desafio de sua representação simbólica. Coisa ou humano? A quem pertencem? Podem ser destruídos? Podem ser utilizados para a pesquisa? Podem ser doados para processos reprodutivos envolvendo outras pessoas? Podem ser vendidos? São pessoas humanas em potencial? A questão da dignidade humana lhes diz respeito? São dignos de afeto? Às questões já extensamente discutidas a respeito do estatuto do embrião, vemos somar-se uma série de novas dificuldades quando este é desalojado de seu ‘receptáculo natural’, o corpo da mãe, e passa a ser estocado no laboratório.

São essas novas dificuldades que vão abrir, para os comitês de ‘especialistas’, um campo de debates bioéticos e para os responsáveis por sua vinda ao mundo, muitas vezes, um campo de desamparo ético e afetivo de proporções incalculáveis. Abordemos inicialmente estas dificuldades pela ótica dos

‘especialistas’, para depois vermos a que soluções ou falta de soluções elas podem levar os ‘não especialistas’.

O *Warnock Report* é o primeiro marco na discussão bioética na reprodução assistida. Ele é realizado em 1985 sob demanda oficial do governo inglês por uma comissão formada por um grupo de médicos, advogados, teólogos e cientistas sociais. Segundo seus relatores, o embrião em causa deve ser tratado como um conjunto de células absolutamente distinto de um ser humano completo, podendo desta forma ser utilizado para pesquisa, desde que se obedeça o prazo de 14 dias de seu desenvolvimento. Ou seja, “quer tenha sido ou venha ser congelado, ou não, ele não pode ser mantido vivo fora do corpo da mulher por período superior a 14 dias de sua existência” (*ibid*, p.213) e a pesquisa realizada além deste limite deve ser considerada crime. É interessante observar que esta demarcação inglesa em termos de 14 dias, que foi posteriormente generalizada e é válida até os dias de hoje, tem sua base num dos principais objetivos da moral utilitarista, a saber, a evitação da dor. Com efeito, ela se fundamenta no fato de que é no décimo quarto dia que o sistema nervoso central é esboçado e é a constituição deste sistema que permitirá posteriormente ao feto e à criança sentir dor.

O comitê propõe ainda que sejam também considerados crimes, no campo da pesquisa, a colocação de embrião humano no útero de outras espécies e a venda de embriões humanos sem autorização. Além disso, ele indica a necessidade de criação de lei para impedir o direito de propriedade sobre o embrião

humano. Como observa Corrêa, “todas essas interdições indicam as virtualidades visualizadas por aquela comissão” (*idem*).

O relatório propõe enfim que o tempo máximo de armazenamento de embriões seja de cinco anos. Em caso de morte de um dos parceiros, o outro deve herdar o direito de uso do embrião: se os dois morrem ou se há desacordo entre os parceiros quanto ao destino do embrião congelado, este direito deve passar à autoridade responsável pelo armazenamento.

O que podemos depreender deste relatório, que servirá de base para os vários outros que se constituirão futuramente tanto na Inglaterra quanto em outros países, é, por um lado, uma reificação do embrião que busca suprimir artificialmente o seu potencial de humanidade, e por outro lado, uma tentativa de regulação absolutamente precisa de algo que, ao que tudo indica, nos levará à defrontação real de situações que até hoje imaginávamos pertencentes apenas ao domínio da ficção científica e que é a gestão de um estoque de embriões.

Esta tentativa de regulação precisa daquilo que escapa de modo fundamental a qualquer tentativa regulatória e é levada ao seu limite na França através do que ali ganha o nome de *projeto parental*.

Como observa Geneviève Delaisi, a noção de *projeto parental* “é o *leitmotiv*, o ‘*cerne da guerra*’, dos projetos de lei sobre as procriações assistidas” (*Op.cit.*, p.64) na França e “os redatores do projeto parecem agarrar-se a ela como a uma noção fetiche que poderia justificar, legitimar ou ainda dar uma coerência a toda a montagem tecnocrático-médica que é apresentada”

(*idem*). Para gerenciar racionalmente o estoque de embriões congelados, chamados de PP (projeto parental), são colocadas aos casais que têm (?) ou que deram origem (?) a estes embriões questões aparentemente simples múltipla escolha.

É perguntado ao casal se ele quer: 1) Conservar ‘no frio’ o seu PP. Renovando a sua escolha a cada ano por carta, ou seja se, segundo os termos da lei, ele deseja: ‘prosseguir o seu PP’. 2) Renunciar ao seu PP ao final de um certo tempo (não mais do que cinco anos).

Neste estágio, nova escolha. O casal quer a simples interrupção (ou seja, a destruição do seu PP), ajudar a realizar o PP<sup>2</sup> Aqui a abreviação PP refere-se não embrião mas propriamente ao projeto de um casal de ter um filho.

No entanto, por mais que seja reificado o embrião congelado e racionalizada a gestão do seu estoque, Geneviève Delaisi mostra, através de alguns casos recentes, os limites tanto desta reificação quanto desta racionalização. Destacaremos aqui dois casos. O primeiro deles é o de um casal, congelado numa espécie de luto impossível. Uma mulher que havia feito várias tentativas fracassadas de FIV mas tinha vários embriões congelados vinha às vezes, autorizada pela equipe do hospital, ver os seus embriões no congelador, “como ela teria feito com bebês numa encubadeira, ou como no cemitério, dizia ela...” (*Ibid*, p.75).

O segundo caso é o de um casal rural e católico que havia tido, por FIV, o número de filhos desejado. Eles mal sabem que há embriões congelados quando recebem

a carta ritual do banco que estoca seus embriões, lhes perguntando o que queriam fazer com estes. O casal (para quem destruição remete a aborto) dirige-se ao padre, que não sabendo responder, dirige-se ao cardeal, que por sua vez, dirige-se ao seu superior, que afirma enfim que “esses embriões tem um destino absurdo”.

A essa altura cabe um esclarecimento para que a nossa posição, assim como a da psicanalista que nos traz estes exemplos, não seja confundida com uma posição religiosa, que contrariaria o nosso direito de congelamento da vida, moralizadora ou retrógrada, que iria contra os avanços da ciência. Com efeito, a posição de Geneviève Delaisi, que compartilhamos absolutamente, não é a de opor-se ao princípio do congelamento, mas de mostrar a incongruência da conjugação desta técnica à noção de gestão racional do PP. E isto porque “os casais não são verdadeiramente ajudados (...) por estas construções médico-sociais, por esses arranjos legais” (*Ibid*, p.76) ou ainda porque “não se pode gerenciar o desejo de filhos de um casal como se gera o plano de financiamento de um apartamento...” (*Ibid*, p.77).

E é para precisar seu ponto de vista que a autora nos oferece o que ela chama de um “bom exemplo” ou de um “exemplo positivo” do congelamento. Trata-se de uma mulher que após ter duas filhas, faz uma ligadura de trompas. Divorcia-se, casa-se novamente, e entra num programa FIV para ter um filho com seu novo marido. Não tendo engravidado na primeira tentativa, os embriões excedentes são congelados. A quarta tentativa é bem sucedida e nasce John, um menino. Mas o que se passa entre a

primeira tentativa e o nascimento do menino, ou seja, enquanto a família o esperava, é absolutamente surpreendente: “as futuras irmãs de John haviam desenhado o pequeno irmão que estava por vir, representando-o em cubas de gelo em um refrigerador” (*Ibid*, p.76). Estes desenhos preencherão posteriormente as paredes do quarto de John. Além disso, John será apelidado, sob a forma de uma simpática brincadeira, de *Frosty*, apelido que substituirá, até mesmo na escola, o seu nome.

Destino absurdo, como havia dito o superior do cardeal? Sim, entretanto, “tudo isso se passava (...) numa atmosfera lúdica e alegre; demonstração que o psiquismo humano pode se acomodar a situações *a priori* difíceis se lhe damos a possibilidade de metabolizá-las com os seus próprios meios” (*Idem*).

Tendo coisificado John na cuba de gelo e humanizado a cuba de gelo pela perspectiva de vida ao mundo de John, as suas irmãs nos permitem perceber, de um modo divertido, como “as novas tecnologias reprodutivas podem estar representando uma substituição das formas de procriação em nossas sociedades, no sentido da modificação das narrativas sobre a procriação” (CORRÊA,2001,p.193), e como também o humano e a coisa podem se diferenciar de novas formas, constituindo o que hoje chamamos de novas subjetividades. De fato, elas ampliam o nosso campo de reconhecimento potencial do humano, a nossa capacidade de reconhecer o humano nas suas novas formas. Ali onde aparentemente há deformação, elas formam, nos vários sentidos deste termo: dar forma, conceber, imaginar, criar, educar.

Mas sobretudo o que elas nos trazem é o tratamento lúdico do estranho, o encontro alegre com o novo, a leitura criativa do absurdo. Elas não fogem, mas brincam com o estranho, com o novo, com o absurdo. Aceitam alegremente o seu desafio. Inventam novos lugares para o corpo, um modo de acesso afetivo ao desconhecido. Dão conta, porque munidas de afeto, **precisam** dar conta do novo, do absolutamente novo que se aproxima delas. Transformam essa aproximação numa aproximação afetiva sem destitui-la de seu caráter estranho. Elas humanizam o frio, colocam em cena, de modo leve, divertido e criativo, aquilo que Freud chama de *Unheimlich*.

Se as novas tecnologias reprodutivas transgridem, como sublinham vários autores, a própria noção de homem, de filiação, de corpo e de sujeito, cabe aqui à fratria de seus filhos transgredir as transgressões, inventando, de modo divertido, as novas narrativas que talvez venham a constituir-se como normas, ditas sérias, que eventualmente virão a ser transgredidas, e assim sucessivamente, permitindo-nos que ali onde esperávamos, como fruto da razão iluminista, Frankenstein, brindemos a chegada de uma nova razão, vertendo em nossos copos algumas cubas de Frosty.

## Notas

<sup>1</sup> Fecundação *in vitro*.

<sup>2</sup> Aqui a abreviação PP refere-se não embrião mas propriamente ao projeto de um casal de ter um filho.

## Referências bibliográficas

CORRÊA, M.. *Novas tecnologias reprodutivas. Limites da biologia ou biologia sem limites?* Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

DELAISI, G. *Efant de personne*. Paris: Odile Jacob, 1994.

KAUFMANN, P. *L'apport freudien. Éléments pour une encyclopédie de la psychanalyse*. Paris: Larousse, 1998.

TORT, M.. *O desejo frio. Procriação artificial e crise de referenciais simbólicos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

TUCHERMAN, I.. "A construção dos monstros e as raças fabulosas". In: VILLAÇA, N., GÓES, F., KOSOVSKI, E. (org.). *Que corpo é esse?* Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

VACQUIN, M. "Vers la «guérison» de l'espèce?". In: FERENCZI, T. (dir.). *Changer la vie?* Bruxelles: Éditions Complexe, 2001.

\* **Simone Perelson** é Doutora em "Psicopatologia Fundamental e Psicanálise" pela *Université Paris 7*. Pesquisadora-associada pela FAPERJ no *Programa de Teoria Psicanalítica* da UFRJ.